

**A FAVELA TURÍSTICA
À LUZ DAS NOÇÕES
DE CAMPO E *HABITUS*
DE PIERRE BOURDIEU**

RAFAEL MELO PEREIRA

FACHA
2023

A Favela Turística à Luz das Noções de Campo e *Habitus* de Pierre Bourdieu

Rafael Melo Pereira

FACHA EDITORA

Rua Muniz Barreto, 51- Botafogo Rio de Janeiro - RJ CEP 22251-090

Rio de Janeiro

2023

DIREÇÃO DA FACHA E OS SETORES DE APOIO ACADÊMICO

DIREÇÃO

Diretora Geral

Márcia Regina Alonso Pfisterer

Vice-Diretora

Andréia Alonso

Superintendente Financeira

Cláudia Alonso

Diretora Acadêmica

Profª Drª Flávia Maranhão

Gerente de Operações

Flávio Cavalcanti Barreto

Gerente de Infraestrutura

Marcio Cardoso Christ

Gerente Comercial e de Marketing

Mauricio Delayti

COORDENAÇÕES DE CURSO

Coordenadora de Administração e de Marketing

Profª Drª Flávia Freitas

Coordenador de Cinema e Audiovisual

Prof. José Augusto Neto

Coordenadora de Design Gráfico

Prof. Me. Renato Medeiros

Coordenadora de Direito

Profª Me. Carolina de Aquino Medici

Coordenadora de Jornalismo

Profª Me. Ivana Gouveia

Coordenadora de Publicidade e Propaganda

Profª Me. Renata Nogueira

Coordenador de Relações Públicas

Prof. Me. Rafael Melo

COORDENAÇÕES ACADÊMICAS

Coordenador Operacional Acadêmico

Prof. Dr. Leandro Lacerda

Coordenador do Núcleo de EAD

Prof. Dr. Leandro Lacerda

Coordenadora de TCC e de Iniciação Científica

Profª Drª. Maria Paulina Gomes

Coordenador de Pós, Extensão e Intercâmbio

Marcio Cardoso Christ

FACHA EDITORA

Rua Muniz Barreto, 51 / Botafogo, Rio de Janeiro - RJ CEP 22251-090

CONSELHO EDITORIAL

Presidência:

Daniel Machado Gomes e Maria Paulina Gomes

Conselheiros:

Profª Dra. Ana Paula Goulart de Andrade (UFRJ, Rio de Janeiro e FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Aristides Alonso (FACHA, Rio de Janeiro; UERJ, Rio de Janeiro)

Profª Dra. Camila Augusta Alves Pereira (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Eduardo Neiva (UAB, Birmingham)

Profª Dra. Flávia Schwartz Maranhão (FACHA, Rio de Janeiro)

Profª. Dra. Flávia Freitas (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Gabriel Chavarry Neiva (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Klever Paulo Leal Filho (UCP, Petrópolis)

Prof. Dr. Leandro Lacerda (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Luiz Carlos Agner (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Marco Aurélio Gumiere alério (USP, São Paulo)

Prof. Dr. Marcelo Augusto Pinto Teixeira (FACHA, Rio de Janeiro)

Profª Dra. Maria Helena Carmo dos Santos (FACHA, Rio de Janeiro)

Profª. Dra. Nivea Maria Faria de Souza (FACHA, Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Ricardo Benevides (UERJ, Rio de Janeiro, FACHA, Rio de Janeiro)

Profª Dra. Verônica Lagassi (UFRJ, Rio de Janeiro e IBMEC, Rio de Janeiro)

A Favela Turística à Luz das Noções de Campo e *Habitus* de Pierre Bourdieu

Rafael Melo Pereira (autor)

Edição Maio de 2023

ISBN 978-65-86370-21-8

Revisão: Maria Paulina Gomes

Produção: Maria Paulina Gomes e Letícia Freitas Brasil Ramos

Editoração e Projeto Gráfico: André Cunha

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização da Facha Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

Ficha elaborada pela Biblioteca Central Miguel Alonso/FACHA

P436

Pereira, Rafael Melo

A favela turística à luz das noções de campo e *habitus* de Pierre Bourdieu / Rafael Melo Pereira. - Rio de Janeiro: Facha Ed., c2023. 37 p.; Livro digital.

ISBN: 978-65-86370-21-8

1. Favela turística. 2. Turismo – Aspectos sociais. 3. Favela – Santa Marta (Rio de Janeiro, RJ). I. Título.

CDD:338.4791

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, ao meu amado filho, Joaquim, que é minha grande alegria. Aos meus pais, Maria e Cícero, que sempre apoiaram meus projetos pessoais. E aos meus três preciosos sobrinhos Cauã, Valentina e Maria Alice.

Agradeço aos meus orientadores do mestrado, Prof^a. Dr^a. Carolina Lescura de Carvalho Castro e Prof^o. Dr. Bernardo Lazary Cheibub, por compartilharem seus conhecimentos comigo, sem os quais não seria possível concluir este trabalho, que é fruto de nossas muitas horas de estudo.

Em especial, quero agradecer a maior incentivadora deste projeto, a Prof^a Maria Paulina Gomes. Obrigado por toda colaboração e carinho durante o processo de desenvolvimento deste E-book.

Um grande agradecimento a Márcia Alonso, pois sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, no trabalho que posso desenvolver.

Por fim, agradeço a todos os coordenadores de curso e Direção da FACHA. É um prazer trabalhar todos os dias com pessoas tão competentes, inspiradoras e amigas.

Nam-myoho-renge-kyo

RESUMO

O turismo em favelas do Rio de Janeiro é um fenômeno que tem despertado interesse de estudiosos em entender como esses locais, considerados perigosos e pobres, atraem tantos turistas, especialmente, estrangeiros. Este trabalho tem como objetivo avaliar se o fenômeno turístico afeta o campo e o *habitus* de uma favela, utilizando a favela Santa Marta como objeto de estudo. As teorias de campo e *habitus* de Pierre Bourdieu foram utilizadas para formatar um arcabouço teórico-metodológico que pudesse contribuir com novas reflexões sobre a temática abordada. Como parte dos resultados, destaca-se que o turismo no Santa Marta representa um subcampo dentro do contexto social da favela, e por meio dele os moradores que trabalham diretamente com turismo (guias locais) criaram a favela turística, isto é, montaram um tour que desmistifica diversos estigmas próprios das favelas. Contudo, a referida atividade, embora seja um fenômeno que fomenta a economia local, ainda não é capaz de modificar estruturas como o campo e o *habitus*.

Palavras-chave: favela turística; campo e *habitus*; efeitos do turismo.

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR	09
APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 TURISMO EM FAVELA, CAMPO E <i>HABITUS</i>	13
3 A FAVELA TURÍSTICA	20
4 TURISMO EM FAVELA OU EXPLORAÇÃO DA POBREZA?	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

SOBRE O AUTOR

Rafael Melo Pereira é natural da cidade do Rio de Janeiro. Graduou-se em Turismo no ano de 2010 pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), onde também se formou em Relações Públicas. cursou o Mestrado em Turismo pela Universidade Federal Fluminense defendendo sua dissertação no ano de 2017.

Tornou-se professor da FACHA a partir de 2013 onde leciona atualmente as disciplinas Comunicação comunitária, Ateliê de criação, Comunicação empresarial, Projetos de CRM, Planejamento estratégico da comunicação etc., nos cursos de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Marketing e Design Gráfico.

Exerce, ainda, nessa Instituição, desde 2020 a função de Coordenador do Curso de Relações Públicas.

E-mail: rafaelmelo@facha.edu.br

PREFÁCIO

O turismo por ser um fenômeno complexo e multifacetado, traz inúmeras inquietações aos pesquisadores que se aventuram a investigá-lo. Por proporcionar desenvolvimento econômico mas, em contrapartida, ocasionar impactos culturais, políticos, ambientais e sociais, torna-se desafiador realizar a sua gestão de modo a minimizar os efeitos negativos, especialmente para a comunidade autóctone e para a natureza, e fortalecer seus aspectos positivos.

Muitos temas de estudo surgiram no campo científico do turismo, alguns muito instigantes e controversos como o de “turismo em favelas”. Este livro, escrito pelo meu primeiro orientando de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense, fruto de sua dissertação defendida em 2017, explora justamente esta temática de forma ousada e reflexiva.

Por discorrer sobre um assunto ainda em estágio embrionário, em razão dos recentes e escassos trabalhos, considero esta ser a primeira justificativa para o leitor se interessar por este e-book. O segundo motivo se trata do interessante diálogo que Rafael Melo Pereira estabelece entre o constructo teórico sobre turismo em favelas e os conceitos de Pierre Bourdieu. “Pierre Bourdieu foi um pesquisador muito controverso quanto às apropriações de sua obra, em diferentes locais, períodos e campos do conhecimento” (GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.13) Filósofo de formação, estudou quase tudo: os camponeses, os artistas, a escola, os clérigos, os patrões, as classes populares, abarcando as áreas da Etnologia, Sociologia, Filosofia, Economia, Sociolinguística, História, entre outras (BOURDIEU, 2004). Nesta perspectiva, compreendendo que o arcabouço teórico de Bourdieu, especificamente “o campo e o habitus” poderia auxiliar no entendimento do turismo em favelas, Rafael se propõe, em sua dissertação, a refletir sobre este fenômeno à luz da teoria bourdieusiana.

Aplicar os conceitos de Bourdieu em diferentes realidades era uma prática do próprio autor, defendida em muitas de suas obras, respeitando, evidentemente, seu viés epistemológico. Segundo Thiry-Cherques (2006), a liberdade de demarcação do campo é dada pelo próprio exemplo de Bourdieu, que trabalhou com uma variedade enorme de campos (científico, literário, de poder, religioso, jurídico, da construção civil, economia regional, pintura, educação superior, político, econômico, do jornalismo, produção intelectual, produção cultural, ciência política, marketing, alta-costura, história em quadrinhos, arte, física, etc.) segmentados de acordo com sua própria lógica e interesses específicos.

Quando compreendemos a favela como um campo, partimos para a ideia de que este território pode ser regido por regras próprias de funcionamento, possuindo uma dinâmica peculiar, fruto das lutas estabelecidas pelos diferentes agentes.

De leitura leve, fluída, sem deixar de lado o seu caráter científico, o e-book “A favela turística à luz das noções de campo e *habitus* de Pierre Bourdieu”, convida o leitor a novas reflexões acerca deste fenômeno complexo e controverso identificado na relação entre o turismo e as favelas.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2023

Prof^a. Dr^a. Carolina Lescura de Carvalho Castro

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística cresceu nas favelas do Rio de Janeiro nos últimos anos e este fator despertou o interesse de muitos estudiosos em acompanhar o progresso deste fenômeno. “Um dos fatores-chave para motivar estas pesquisas foi tentar compreender como estes locais considerados perigosos e pobres atraem tantos turistas, especialmente, os estrangeiros” (PEREIRA, 2017, p. 11).

Para entender melhor este ponto, é preciso observar, minimamente, quatro elementos: o local visitado – a favela –, a comunidade autóctone, o mercado turístico e os turistas. Começando por estes últimos, acredita-se que o turista, enquanto agente social do turismo (KNAFOU, 1996), gera diversas demandas ao mercado turístico. A maior delas é a indicação/organização de novos lugares para visitar.

Esta demanda faz com que o mercado se mobilize e entregue novos lugares para serem consumidos por meio desta prática. Este desejo latente por novos espaços, por conhecer, fora avaliado por Bauman (1998), que avaliou que os turistas tendem a deixar os lugares que estão visitando logo que o seu potencial de diversão parece ter-se acabado.

Os autores, citados anteriormente, expõem em suas análises como o viajante estabelece uma conexão extremamente volátil, passageira com o destino visitado. De um lado, Knafou (1996) sinaliza que o turista é quem fomenta o turismo ao gerar demanda, do outro, Bauman (1998) alerta sobre a relação efêmera do turista com o lugar. Os dois elementos juntos parecem gerar muita pressão no mercado turístico, que acaba buscando lugares que não tinham grande apelo para visitas, como as favelas, para fazerem parte da lista de atrativos de uma cidade.

E com o aumento da presença de turistas (nacionais e internacionais), os moradores passaram a conviver com pessoas “estranhas” em seu espaço social, a Favela. Esta convivência, que parece ser cada vez mais intensa, gerou o questionamento que orientou a criação deste trabalho e que se pretende ajudar a responder nas seções seguintes: o processo de turistificação pode afetar o campo e o *habitus* de uma favela?

Assim, este trabalho tem como objetivo geral avaliar se o fenômeno turístico gera alguma mudança no campo (a favela) e no *habitus* (moradores) da favela Santa Marta. Para corroborar com a proposta do objetivo geral, trabalhou-se com seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar o desenvolvimento do fenômeno turístico na favela, como forma de contextualizar o objeto de estudo.
- b) Apontar como os conceitos de campo e *habitus* de Bourdieu podem ajudar a compreender os efeitos do fenômeno do turismo em favela.
- c) Analisar a percepção dos moradores da favela Santa Marta em relação ao turismo e as possíveis mudanças no cotidiano da comunidade.

Nesta perspectiva, convém destacar que o referido trabalho teve como objeto de estudo a favela Santa Marta (RJ) por ela ter sido a primeira a ser pacificada (projeto das UPPs)¹ e a receber um projeto-piloto (Rio *Top Tour*)² para desenvolver o turismo na favela nos parâmetros do Ministério do Turismo.

Dada a relevância do tema e a necessidade de se acompanhar o desenvolvimento do turismo nas favelas com diferentes perspectivas, buscou-se trabalhar com uma abordagem teórico-metodológica diferente daquelas que foram utilizadas por outros autores. De tal modo, utiliza-se as noções de campo e *habitus* de Pierre Bourdieu para estruturar e trazer novas reflexões sobre a temática estudada. Convém sublinhar que a ideia de campo, preconizada por Bourdieu, deve ser interpretada aqui como o ambiente da favela em si, isto é, o espaço social que ela proporciona aos moradores; e a noção de *habitus* é a estrutura incorporada pelos moradores da favela. Além disso, entende-se que o turismo se configura como uma espécie de subcampo dentro do campo da favela. É importante destacar também que mesmo não tendo escrito sobre os temas que compõem o cerne deste trabalho (turismo e/ou favela), Bourdieu oferece apoio ao autor em suas considerações sobre a temática abordada, uma vez que a favela pode ser compreendida como um campo de disputas, dada a dinâmica particular presente em seu espaço social, e que a mesma é produtora de um *habitus* que, como o seu campo, é igualmente singular, se os compararmos com outras áreas da cidade. Assim, “acredita-se que a turistificação das favelas implica em novas condições sociais que, de modo gradativo, podem afetar o *habitus* e a dinâmica do campo em questão” (PEREIRA, CASTRO, CHEIBUB, 2016, p. 2).

Todos os resultados da pesquisa apresentados aqui têm como base a dissertação de mestrado do autor³, que desenvolveu diversas entrevistas semiestruturadas com pessoas consideradas formadores de opinião na favela. Além disso, foram ouvidas pessoas de fora da favela para avaliar pontos sinalizados pelos moradores. Todos os dados obtidos no campo foram analisados com base nos autores citados no trabalho, criando assim uma sinergia entre os resultados obtidos nas pesquisas e estudos já publicados com relação direta e indireta com o tema.

Por fim, destaca-se que os efeitos do turismo nas localidades receptoras são difíceis de medir. Para Margarita Barreto (2005, p. 45), “o problema que ainda permanece, decorridos quase vinte anos, é como medir os impactos [do turismo], dado que até os econômicos, que são quantitativos (ingresso de divisa, gasto político), apresentam dificuldade de apreensão”. Assim, compreender o desenvolvimento deste fenômeno e seus efeitos para a comunidade receptora é um desafio constante para os pesquisadores. Contudo, com este arcabouço teórico-metodológico, pretende-se apresentar novas análises sobre a temática.

1 Sobre a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) cabe destacar que se trata de uma força da Polícia Militar que atua exclusivamente em comunidades, dentro da região urbana. As UPPs buscam trabalhar com o conceito de polícia de proximidade, um princípio que busca ir além da polícia comunitária e que mantém sua estratégia fundamentada na parceria entre instituição pública e população. A partir destas premissas, a polícia pacificadora, procura atender os cidadãos com base no diálogo e respeito à cultura e às características de cada comunidade, de modo que esse contato facilite o surgimento de lideranças comunitárias. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/faq>. Acesso em: 20/04/2023.

2 Segundo a coordenação do referido projeto-piloto, o mesmo alcançou seus objetivos principais: centralizar a organização da atividade turística nos moradores; capacitar a população local; criar um destino turístico nos moldes do Ministério do Turismo; criar uma rede de artesãos e de comerciantes; criar uma sinalização dos atrativos turísticos locais (PEREIRA, 2014).

3 PEREIRA, Rafael Melo. **O Turismo na Favela Santa Marta: Reflexões a Luz da Teoria de Pierre Bourdieu**. Dissertação de mestrado. Programa de Mestrado em Turismo, UFF, 2017..

2 TURISMO EM FAVELA, CAMPO E HABITUS

Turismo em favela é uma temática que apresenta alguns desafios para aqueles que a pesquisam. Contudo, para o autor destacam-se dois: 1) a bibliografia referente a esta temática é escassa, porque apenas nos últimos anos a atividade turística virou objeto de estudo dos acadêmicos, assim as reflexões a respeito do tema estão surgindo aos poucos⁴; 2) incide na polêmica que o assunto gera, uma vez que alguns o interpretam como “um resultado perverso da combinação de um voyeurismo mórbido, por parte do turista, com uma precariedade desesperada e/ou passiva por parte dos favelados” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.10).

Outro ponto relevante e que deve ser trazido logo neste início é: como a prática do turismo em favela pode ser interpretada?

É possível crer que aqueles que consomem os produtos/serviços oferecidos no turismo em favela têm como motivação principal os segmentos sociais, de características étnico-culturais, que possibilitam uma leitura (parcial) da realidade sociocultural e econômica do local, tendo como pontos fixos locais com ‘fins não turísticos’ – isto é, espaços que não foram organizados previamente para a exploração turística, e que, às vezes, não foram estruturados para o usufruto dos moradores locais (PEREIRA, 2014).

A ponderação de Pereira se coaduna com a reflexão de Alexandre Panosso Netto (2005), que argumenta que os turistas estão em busca de algo novo e diferente daquilo que estavam habituados a experimentar. Neste sentido, pode-se dizer que a favela passa a ser um espaço social que gera curiosidade, desejo de ser visitada, uma vez que a grande maioria dos turistas (talvez todos), não vivem em locais semelhantes a uma favela do Rio de Janeiro.

E quando teria começado este tipo de turismo?

Em entrevista para a revista *Veja*, Bianca Freire-Medeiros afirma que “o turismo em favela começou com a ECO 92, quando se passou a levar estrangeiros à Rocinha – pessoas ligadas em ecologia e interessadas em alternativas ao turismo de massa”. Esta afirmação renova o que fora abordado anteriormente, pois essas pessoas interessadas em um “turismo alternativo”, acabaram sinalizando ao mercado turístico mais um espaço que deveria se tornar um produto.

Por fim, como as teorias de Bourdieu ajudam a interpretar o fenômeno citado anteriormente?

Referente à noção de campo, citada como teoria que embasa as reflexões presentes neste estudo, Bourdieu (2004, p. 34) avalia que sua teoria não trata de um campo específico, mas sim algo que poderia se chamar “a pluralidade dos mundos”, já que, para o autor, essa teoria seria uma reflexão sobre a “pluralidade das lógicas correspondentes aos diferentes mundos, ou seja, aos diferentes campos enquanto lugares onde se constroem sentidos comuns, lugares-comuns, sistemas de tópicos irreduzíveis uns aos outros”.

Sobre os diferentes campos, Lescara (2013) explica que o espaço social a que Bourdieu se refere pode ser entendido como um conjunto regido por diferentes campos, que podem ser de natureza científica, religiosa, artística, cultural, jurídica. Esses campos se expressam por um jogo de forças entre os agentes que lutam por fins diferenciados, conforme sua posição na estrutura.

4 Em Freire-Medeiros (2015) há uma figura que mostra o interesse pela temática (número de publicações por ano) e iniciando em 2004 havia uma média de duas publicações, em 2005 e 2006 uma, nos anos de 2007, 2008 e 2009 houve um aumento, chegando no último ano a onze publicações. Os anos de 2010 e 2011 mantiveram a mesma média, contudo em 2012 o número de publicações dobrou, chegando a uma média de vinte e uma publicações – com base nestes dados considera-se escasso o número de publicações até o período analisado.

Bourdieu (2004) pondera que os interesses dos agentes em determinados campos podem mudar. Para exemplificar, o autor explica que aqueles que têm maior interesse no “jogo” do campo artístico, podem não apresentar tanto interesse no campo econômico e vice-versa. Neste sentido, existe uma variedade de campos e, por conseguinte, interesses distintos. Entretanto, em qualquer um deles, há uma luta pelo monopólio da legitimidade.

O autor ainda argumenta que o campo é um espaço social de lutas travadas entre dominantes e dominados, cujas “decisões (de ambos) são somente escolhas entre possíveis definidos (em seus limites) pela estrutura do campo” (1997, p. 27), e quando há intervenções no campo, essas “devem sua existência e eficácia à estrutura das relações objetivas no seio do campo entre aqueles que as operam e aqueles que lhe estão submetidos” (BOURDIEU, 1997, p. 27).

Sobre estas disputas, Bourdieu (2004) elucida: o campo é objeto de luta tanto em sua representação, como em sua realidade, e a sua diferença em relação ao jogo reside no fato de que no campo as próprias regras que o regem podem ser questionadas ou colocadas em jogo, sendo inclusive alteradas de acordo com a interferência dos agentes.

Para Thiry-Cherques (2006, p. 31),

[...] o campo é delimitado pelos valores ou formas de /capital/ que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito /estratégias/ não conscientes, que se fundam no /habitus/ individual e dos grupos em conflito.

Convém destacar que para Bourdieu o campo é composto de elementos que são importantes para sua compreensão. A *doxa* é uma crença política, uma visão particular dos dominantes, que se impôs a partir de disputas contra outras visões concorrentes e se impõe como algo universal dentro do campo (BOURDIEU, 1996). Os tipos de capital formam outros elementos inerentes ao campo, e os tipos de capital mais tratados pelo autor são: econômico, cultural, social e simbólico.

O capital econômico assemelha-se à própria ideia de capital que temos no mundo capitalista. Este é constituído pelos meios de produção como, por exemplo, terra, indústrias e trabalho e, pelos recursos econômicos, como renda, patrimônio, bens materiais. Os elementos que compõem o universo do capital econômico estão na esfera da tangibilidade, portanto, são facilmente intercambiáveis, transferidos, herdados (BOURDIEU, 2003).

O capital cultural pode ser compreendido como o conjunto de qualificações obtidas pelos agentes, especialmente por meio das instituições educacionais, podendo se manifestar em três formas: no estado incorporado (sob a forma de disposições duráveis no organismo); no estado objetivado (sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas) e no estado institucionalizado (sob a forma de titulações, certificados escolares) (BOURDIEU, 2010).

Já o capital social está relacionado à vinculação a um grupo, a um conjunto de agentes que são unidos por laços permanentes e úteis. Essas ligações não se reduzem às relações objetivas de proximidade no espaço físico, econômico ou social, mas se fundam em um relacionamento simbólico, cuja criação e perpetuação decorrem do reconhecimento mútuo entre os agentes.

Por fim, o capital simbólico, que se encontra ligado à ideia de reconhecimento. Para Bourdieu (1996) a forma como os capitais anteriores são reconhecidos e percebidos pelos agentes de campos específicos é o que garante a existência do capital simbólico.

Quanto ao *habitus*, Lescura (2013) indica que essa noção emerge após Bourdieu investigar a sociedade Cabila, na qual o autor percebeu que a forma de agir e responder a determinados problemas cotidianos não apresentavam um princípio racional.

Para Bourdieu (2001, p. 169), a noção de *habitus* tem como uma das funções principais

[...] descartar dois erros complementares cujo princípio é a visão escolástica: de um lado, o mecanismo segundo o qual a ação constitui o efeito mecânico da coerção de causas externas; de outro, o finalismo segundo o qual, sobretudo por conta da teoria da ação racional, o agente atua de maneira livre, consciente e, como dizem alguns utilitaristas, *with full understanding*, sendo a ação o produto de um cálculo das chances e dos ganhos. Contra ambas as teorias, convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das restrições estruturais de que são o produto e que as definem.

Bourdieu (1996, p. 22) avalia que “os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores”, podendo ser “distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns”.

O autor pondera que o “*habitus* é subjetividade socializada, transcendental histórico, cujas categorias de percepção e de apreciação (os sistemas de preferência) são o produto da história coletiva e individual [do agente social]” (BOURDIEU, 1997, p. 47).

O *habitus* nada tem de um princípio mecânico de ação ou, mais exatamente, de reação (à maneira de um arco reflexo). Ele é espontaneidade condicionada e limitada. Ele é este princípio autônomo que faz com que a ação não seja simplesmente uma reação imediata a uma realidade bruta, mas uma réplica “inteligente” a um aspecto ativamente selecionado do real: ligado a uma história cheia de um futuro provável, ele é a inércia, rastro de sua trajetória passada, que os agentes opõem às forças imediatas do campo, e que faz com que suas estratégias não possam ser deduzidas diretamente nem da posição nem da situação imediatas. Ele produz uma réplica, cujo princípio não está inscrito no estímulo e que, sem ser absolutamente imprevisível, não pode ser prevista a partir apenas do conhecimento da situação; ele é uma resposta a um aspecto da realidade que se distingue por uma apreensão seletiva, partidária e parcial (sem ser para tanto “subjetiva”, no sentido estrito) de certos estímulos, por uma atenção pela face particular das coisas, da qual se pode dizer, indiferentemente, que ela “suscita o interesse” ou

que o interesse a suscita; ele é uma ação que se pode, sem contradição, chamar ao mesmo tempo de determinada e espontânea, já que é determinada por estímulos condicionais e convencionais, que existem como tais apenas para um agente disposto e apto a percebê-los (BOURDIEU, 1997, p. 48).

Pierre Bourdieu (2004) sugere que o *habitus* é uma necessidade transformada em virtude, que vai produzir estratégias que se mostram objetivamente ajustadas à situação, e sendo uma ação dirigida pelo “sentido do jogo” tem aspectos de uma ação racional, contudo, o *habitus* não tem propriamente uma razão.

Bourdieu (2004, p. 24) avalia que o *habitus* tem uma relação direta com o campo, uma cumplicidade ontológica, como o próprio autor menciona, originando uma espécie de conhecimento sem consciência, de intencionalidade, sem intenção.

E assim como a noção de campo, o *habitus* tem outros elementos que Bourdieu indica como sendo importantes para sua compreensão. A *hélix* constitui a estrutura física, o corpo que está no mundo social, e este mundo social está presente neste corpo, estruturado de uma forma que se personifica, por exemplo, na postura do camponês e seu modo de vestir. Outro elemento importante é o *Ethos*, que são os valores, crenças pré-reflexivas que, além de constituírem o *habitus*, orientam as ações dos agentes (BOURDIEU, 2001).

Bourdieu (1996) argumenta que o campo e o *habitus* se retroalimentam. Assim, um pode causar transformações no outro, pois constituem estruturas estruturadas estruturantes. Nesse sentido, os agentes sociais não são “partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo [...]”. Eles têm disposições adquiridas [...], maneiras de ser permanentes, duráveis que podem [...] levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo” (BOURDIEU, 2003, p. 28).

Após avaliar estes conceitos, é possível articular algumas reflexões sobre o turismo em favela e seus efeitos sobre a comunidade anfitriã e seu espaço social.

A pesquisa de mestrado que embasa este projeto indica que “os moradores gostam do turismo porque veem nele a possibilidade de desenvolvimento econômico” (PEREIRA, 2017). Na referida pesquisa os moradores que não trabalham com turismo acreditam que ele gera benefícios econômicos: “turismo é bom porque gera emprego para os moradores” (Leonardo)⁵.

Freire-Medeiros (2010) encontrou os mesmos resultados e afirmou: o dinheiro não precisa sequer ser visto, basta saber que ele está “circulando” para os moradores acreditarem que a atividade é benéfica.

É possível que esta ideia de que o dinheiro circula pela comunidade reforce a ilusão de que há um desenvolvimento econômico uniforme na favela, contudo a pesquisa apontou que os que realmente ganham dinheiro e apresentam alguma mudança na sua vida são os guias locais. Os demais moradores não sofrem nenhuma mudança no âmbito econômico, sendo apenas agentes passivos neste processo.

Neste contexto, o que se pode perceber é que a dinâmica do campo, isto é, o espaço social da favela, muda com o turismo. “Ele não é exatamente alterado pelo fenômeno turístico, mas algumas partes da realidade da favela são excluídas do discurso dos guias e isso leva à produção, ainda que imagética, de outro campo” (PEREIRA, 2017, p. 120), tornando este espaço mais vendável, logo gerando lucro para os guias locais.

⁵ Este e outros trechos a seguir foram retirados da entrevista presente na dissertação.

Este campo “recriado” para o turismo é

um espaço social que é pautado em momentos felizes, que surgem da integração dos membros da comunidade, que aparentemente estão sempre externalizando sua felicidade através do sorriso. É como se a favela vestisse um véu que deixa a visão do turista turva. Os pontos deixados de lado são exatamente aqueles ligados aos estigmas da favela (PEREIRA, 2017, p. 120).

Esta “transformação” parece agradar a alguns moradores, porque para eles estas visitas ajudam na desmistificação dos estigmas ruins que a favela carrega⁶, e isto pode ser observado na fala de um de seus líderes comunitários:

Os moradores gostam muito de ter turista. Gostam de ver o Santa Marta ser bem falado, gostam de ver essa imagem ruim sendo desmistificada e não se falar do Santa Marta só como lugar perigoso, de tiroteio, mas que também tem coisas boas (João).

Dando um pouco mais de atenção aos turistas – outro agente social importante no processo de turistificação –, a pesquisa indica que existem vários motivos para os turistas subirem o morro. São muitos motivos para se visitar uma favela, mas vale destacar aquele que foi citado mais vezes pelos entrevistados: a curiosidade.

Esta curiosidade se apresenta no desejo de querer conhecer o dia a dia das pessoas que moram nas favelas. Em entrevista o guia destacou:

Não são todos os lugares do mundo onde existe uma favela, então o turista vem realmente curioso pra saber como é que vive um morador de favela e pra conhecer essa diferença, é que ele sai de uma área de prédios de luxo e entra num lugar bem mais simples, com casas, em geral, sem acabamento, são casas que ficam só no tijolo. Então o cara vem conhecer esse lado, ele vem saber como é que as pessoas conseguem viver num país onde a diferença econômica é tão grande, onde você por questão de 20, 30 metros, você sai de uma comunidade e entra num condomínio de alto luxo.

O guia completa sua reflexão destacando três motivos para os turistas subirem o morro:

[1] Na Europa quem mora nas montanhas tem muito dinheiro e aqui no Brasil é completamente diferente. Quem mora nos morros são as pessoas que moram nas favelas e não têm dinheiro nenhum; [2] ele quer entender como é viver na favela que as pessoas falam tão mal e outras falam tão bem [...]; [3] vem ver como as pessoas não têm saneamento básico, não têm dinheiro, mas sorriem. Como as pessoas dão seu jeito de viver sem ficar indo atrás do governo para sobreviver.

6 Ser conhecida como um local perigoso, sujo e sem organização social são alguns exemplos destes estigmas.

Sobre esta questão – motivo para visitar uma favela –, os turistas entrevistados comentam:

Na minha cabeça a favela é um lugar aonde você não vai porque é muito perigoso e você simplesmente não pode. Mas eu realmente me interessou por tudo que eu não posso fazer, então isso é parte do motivo. E no meu país [Suíça] nós não temos. Quando falamos sobre o Brasil, nós pensamos em favelas, pensamos em drogas, praia de Copacabana e sol, mas também em favela e pobreza. Para mim é importante saber onde eu estou, entender o contexto do país, a história, a realidade deste país. Isso [a favela] é parte da realidade daqui e nós não estamos acostumados, então acho que é muito importante. Nós temos muita sorte que agora podemos ir e ver [a favela] (Erick).

A fala do turista faz alusão ao que propõe Cejas (2006), que pondera que parte da motivação dos turistas está pautada na sensação de perigo (controlado) que o local (o *tour*) oferece ao visitante. Essa instabilidade do local parece mexer com o imaginário do turista e o motiva a subir o morro. Sobre esta questão, a turista explica:

Eu pensei que [a favela] fosse bem maior, porque quando fomos ao Cristo e nós vimos [as favelas] parecia ser um lugar grande com várias casas pobres coladas umas nas outras. E pensei que seria interessante ir sozinha, mas não fui por causa de todos os estereótipos que conhecemos e conselhos de não ir sozinha. Eu queria ver como era de verdade, porque em Genebra tenho a impressão que vivemos numa bolha separada do resto do mundo. E, também, quando eu era criança morei no Brasil, em São Paulo, e me lembro da minha mãe ajudando essa família e me chocou muito. Era uma família no meio do nada e isso me fez ter uma noção do que a pobreza é e eu acho que queria ver mais de como essas pessoas vivem. Então esse é um dos motivos para eu querer vir aqui (Natasha).

A fala da turista denuncia o que fora citado anteriormente: a curiosidade é um elemento motor deste tipo de visitação. Sobre os turistas nacionais, o guia José explica:

Turista brasileiro vem ver a mesma coisa [que o estrangeiro], mas ele tá mais focado com essa coisa de que favela é perigosa. Aí ele vê isso todo dia no Jornal Nacional, no jornal local. Ele tem mais contato com as notícias ruins. Quando ele vem para o Rio de Janeiro, ele vê que tem um movimento ao contrário disso. Então ele quer entender, justamente, como é esse movimento. Porque a televisão fala isso e ele está na praia, e o cara que aluga a barraca para ele é da favela, é um cara que trabalha, que é honesto.

Para o referido guia, a curiosidade dos turistas nacionais está localizada no desejo de confirmar ou não, se a favela é mesmo um local perigoso para se viver (ou visitar). Por fim, cabe o questionamento: os cariocas sobem os morros?

Sobre estes visitantes, os guias comentam que a maioria sobe para ir às festas que acontecem na favela e “tem muito carioca que sobe por causa da vista. Porque consegue ter uma vista que você não tem de outro lugar do Rio de Janeiro”, disse o guia turístico Jonas.

É possível que essa curiosidade que motiva o turista a visitar as favelas esteja baseada na imagem que eles construíram antes de ir ao local – geralmente composta por características ruins. Contudo, esta imagem negativa é confrontada com o que o guia decide mostrar. Um dos guias entrevistados revelou que existe um *script* a ser seguido, ou seja, não só os lugares que podem ser vistos são previamente definidos pelo grupo que coordena o turismo local, mas também o que é dito.

Após sua visita à favela um turista avaliou:

Essa [Santa Marta] é diferente do que eu pensava. Eu esperava um lugar muito perigoso, traficantes, violência, porque continua sendo a realidade de várias [favelas], mas nessa foi bem diferente do que eu pensava. Mas acho que ainda existem várias favelas dentro dos estereótipos. Eu diria que [a favela] é como uma vila em uma montanha, porque todo mundo conhece todo mundo. Tem uma atmosfera boa, como se todos se ajudassem. Diferente da cidade, onde uma mulher pode precisar de ajuda com suas bolsas, mas ninguém vai ajudá-la. É como se fosse uma família grande e todos se ajudam (John).

O depoimento da turista Alice é importante e merece destaque

Eu nunca pensei que tinham essas coisas de não poder roubar e achei que era violento. O que pensei primeiro é que [a favela] seria muito grande, muito violenta para visitar, especialmente, para nós loiros, europeus [sorri]. E, na verdade, não é. Então eu mudei muito de opinião.

Este depoimento registra uma *doxa* da favela. Ao dizer que é proibido roubar neste local, a turista exemplifica como a visão dos dominantes impõe uma regra ou lei a ser seguida por todos os moradores, que entendem que ao desrespeitar estão sujeitos a represálias. Convém destacar que na mesma entrevista a turista comentou que se sentiu mais segura na favela, do que nas ruas do Rio de Janeiro, pois o discurso enfático do guia logo no início do *tour* – quando ele apresenta as regras de visita e da favela –, passou a ideia de que aquele local estava mais sob controle do que a própria cidade, que é regida por leis e tem o amparo da força policial que as faz cumprir. Obviamente as favelas estão sujeitas às mesmas leis que a cidade, mas percebe-se a construção de uma *doxa* particular que tem mais valor para os moradores.

Os parágrafos anteriores recuperam a ideia da construção da favela turística, a comunidade idealizada para servir como produto. Local que primeiro atrai pela curiosidade e seus estigmas, e depois se apresenta contrária à imagem criada antes do *tour*. Assim, é possível observar uma grande mudança no espaço social (campo) da favela turistificada, e os primeiros elementos das noções de campo e *habitus* de Bourdieu presentes.

3 A FAVELA TURÍSTICA

A favela Santa Marta é considerada uma das comunidades mais visitadas do Rio de Janeiro. Como este estudo está focado nos efeitos da turistificação das favelas, este espaço social é ideal para realizar o trabalho. Além disso, o Santa Marta “já foi considerada “favela modelo” devido aos investimentos feitos pelo governo” (PEREIRA, 2017, p. 72).

O Santa Marta está localizada no bairro de Botafogo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro (**figura 1** – Bairro de Botafogo – em detalhe o morro Santa Marta). A favela tem como bairros vizinhos a Urca, Laranjeiras, Flamengo, Humaitá e Copacabana, abriga cerca de 4 mil habitantes⁷, distribuídos em cerca de 1.200 residências⁸, totalizando uma média de 3,3 habitantes por residência. A favela ocupa uma área de 53.706 m².

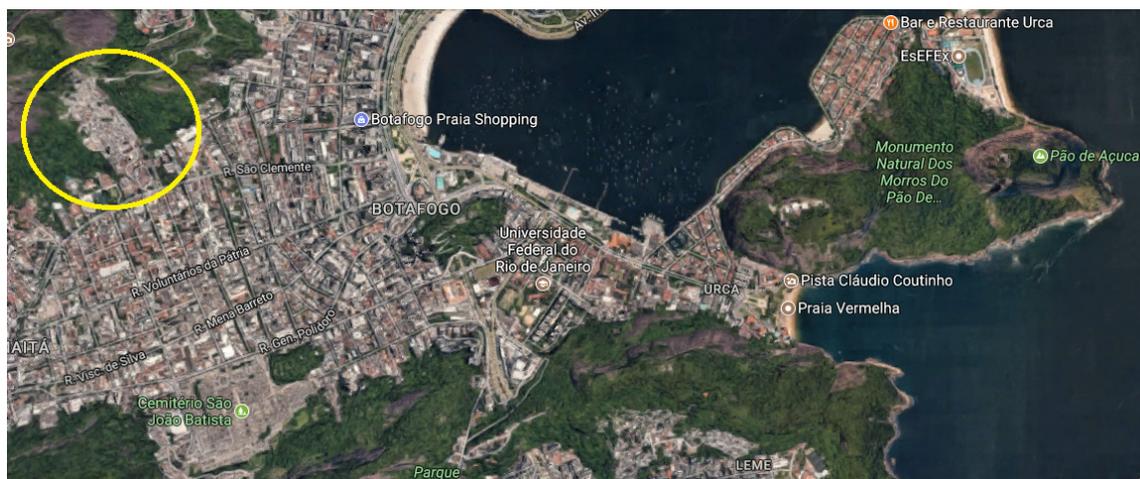


Figura 1: Bairro de Botafogo – em detalhe o morro Santa Marta

Fonte: Google Maps (Foto de Satélite)⁹

A história da favela Santa Marta se confunde com a do bairro onde está localizada. Dados históricos indicam que

a ocupação do morro em meados de 1930 – diferente do que se imaginava, constatou-se nas entrevistas que a favela ‘cresceu’ de cima do morro para baixo, isto é, as primeiras casas foram construídas nas áreas mais altas do morro. A história da favela é marcada por momentos de resistência às ameaças de remoção e conquista de serviços básicos e infraestrutura (PEREIRA, 2017, p. 73).

7 Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/informacao/informacao-selecionado/ficha-tecnica-upp-santa-marta/Santa%20Marta>. Acesso em: 20/03/2023.

8 Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/informacao/informacao-selecionado/ficha-tecnica-upp-santa-marta/Santa%20Marta>. Acesso em: 21/03/2023.

9 Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9535078,-43.1690616,2835m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Acesso em: 27/04/2023.

Ao conhecer um pouco mais sobre a história do morro Santa Marta é possível entender os motivos que levam os turistas a quererem visitá-la e como eles ficam sabendo sobre este local. A referida favela tem grandes marcos históricos (positivos e negativos) que alimentam a curiosidade por conhecê-la.

Nos anos 1980, o morro ficou conhecido por conta dos conflitos entre diferentes facções criminosas que disputavam o controle da venda de drogas na região. A partir de 1996, quando Michael Jackson e Spike Lee escolheram a favela como locação para a gravação do clipe “They Don’t Care About Us”, a comunidade voltou a ganhar destaque na mídia nacional e internacional. O fato gerou polêmica, uma vez que a favela não era pacificada na época e se especulava que os produtores do vídeo haviam negociado diretamente com os traficantes.

Em 2003, o jornalista Caco Barcellos lançou o livro “Abusado: O Dono do Morro Dona Marta”, um trabalho de reportagem investigativo que conta a história de Marcinho VP, um dos principais líderes do tráfico na favela Santa Marta. O livro se tornou um sucesso e ajudou a dar visibilidade à realidade das favelas e da violência urbana no Rio de Janeiro.

A favela Santa Marta também foi tema de outros filmes e documentários, como “Notícias de uma Guerra Particular”, de João Moreira Salles e Kátia Lund, lançado em 1999, que mostra o cotidiano de moradores e traficantes da região. Em 2010, a favela também foi retratada no filme “Tropa de Elite 2”, de José Padilha, que aborda a violência no Rio de Janeiro e a relação entre a polícia e o tráfico de drogas.

Em 2008, a favela Santa Marta se tornou a primeira comunidade a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), um projeto do governo do estado para ocupar e pacificar as favelas dominadas pelo tráfico. A iniciativa causou controvérsia, mas também ajudou a melhorar a segurança na região e a mudar a imagem da favela Santa Marta, que passou a ser vista como um exemplo de sucesso na implementação de políticas públicas de segurança. Este e muitos outros fatos constroem um história cheia de marcos que fomentam o turismo naquela localidade, por isso, reforça-se que a favela Santa Marta é um objeto de estudo importante para se entender a favela turística.

Assim, após avaliar alguns aspectos teóricos que inspiram as reflexões presentes neste trabalho, é importante recuperar a questão que norteia este estudo, que é: o processo de turistificação pode afetar uma favela?

Naturalmente este questionamento gera muitos outros que ao serem respondidos ajudam a formular uma resposta à questão principal. Neste sentido, percebe-se que a comunidade autóctone é peça fundamental neste processo de busca por respostas.

Assim, questiona-se: o morador da favela turística é capaz de perceber mudanças positivas e/ou negativas causadas pelo turismo? Ou ele apenas enxerga os efeitos positivos no âmbito econômico?

Como já fora abordado no capítulo anterior, “os moradores que trabalham com turismo o idealizam como um fenômeno econômico que só traz benefícios para a comunidade” (PEREIRA, 2017, p. 135). Fica claro que muitos simplesmente ignoram que o fato da vida deles ter melhorado economicamente por causa do turismo, nada tem a ver com o desenvolvimento da favela como um todo. Não se pode considerar que a favela turística sofre efeitos positivos, quando apenas algumas pessoas se sentem bem-sucedidas economicamente por trabalharem como guias de turismo.

Ainda sobre a ideia de que o turismo é uma ferramenta que dinamiza a economia, vale destacar que uma moradora relatou que as crianças que moram na favela Santa Marta passaram a pedir dinheiro aos turistas, tendo até aprendido a pronunciar a palavra dinheiro em inglês. Segundo a moradora, os jovens ficam gritando pelas vielas “Money! Money!”, quando veem os turistas.

Sobre este ponto cabe refletir que de acordo com a teoria do *habitus* de Bourdieu, o *habitus* é a estrutura mental internalizada de um indivíduo que resulta da experiência social e molda seus comportamentos e percepções futuras. Portanto, é possível crer que a experiência social de ter um grande número de turistas visitando o local onde se vive pode afetar o *habitus* da pessoa, no referido caso, das crianças a ponto delas mudarem.

A avaliação merece atenção, afinal, existem duas possibilidades. Se a pessoa (ou pessoas) em questão passou a pedir dinheiro porque percebeu que isso é uma maneira de obter recursos financeiros dos turistas, e essa percepção foi internalizada em seu *habitus*, então podemos dizer que houve uma mudança nele. Nesse caso, a nova experiência social influenciou a forma como a pessoa pensa e age em relação à obtenção de recursos financeiros.

Por outro lado, se a pessoa ou grupo de pessoas nunca teve a oportunidade de pedir dinheiro antes e, portanto, não havia desenvolvido nenhum padrão de comportamento em relação a isso, então não se pode falar em uma mudança no *habitus*, uma vez que isto representaria uma mudança muito profunda. Nesse caso, é possível que a pessoa simplesmente se adaptou a uma nova situação social e aprendeu uma nova maneira de obter recursos financeiros pontualmente, isto é, ela não faria isso em outras circunstâncias.

Ainda sobre o caso das crianças, a moradora contou que deu a ideia de que elas parassem de simplesmente pedir dinheiro e comesçassem a vender desenhos feitos por elas, e assim foi feito por algumas crianças do Santa Marta.

Em suma, para determinar se houve uma mudança no *habitus*, é necessário considerar se a nova experiência social afetou as disposições mentais e os comportamentos que a pessoa internalizou ao longo do tempo. Este ponto é relevante, pois indica que este comportamento deve ser reavaliado no futuro

Outros benefícios são observados pelos moradores. Em entrevista, a moradora, identificada aqui como Luísa, comentou: “o turismo é bom. Deveria ter em todas as favelas, porque você acaba tendo uma integração entre o asfalto e a favela. Acaba trazendo eles pro nosso mundo, pro nosso meio”. Já um morador e guia de turismo local destacou: “turismo para mim é integração, é troca, é conhecimento. Turismo de experiência é vivência, é onde as pessoas conseguem um contato com as outras e entender um pouquinho os mundos que vivem diferentes”.

A fala dos moradores chama atenção por indicar a existência de troca entre pessoas que são diferentes entre si, e a existência de um outro campo, “o asfalto”. Este termo é utilizado por muitos moradores para se referir aos outros lugares da cidade que estão fora da favela. Este último ponto é particularmente interessante, por que a teoria de campo de Bourdieu enfatiza que o mundo social é composto por campos, que são espaços sociais específicos, onde os agentes competem por recursos escassos e lutam pelo poder simbólico. Cada campo tem suas próprias regras, normas e valores que são construídos através de relações sociais e hierarquias.

Dentro deste contexto, a pessoa que mora em uma favela pode desenvolver uma identidade coletiva, que é moldada pelas condições sociais em que vive e pelas relações que estabelece com outros indivíduos em seu campo. Esta identidade pode incluir a percepção das outras

áreas da cidade como sendo diferentes, distantes e até hostis. Assim, a pessoa pode apelidar essas áreas como uma forma de construir uma fronteira simbólica entre seu próprio campo e o campo dos outros.

Portanto, observa-se que o morador cria uma distinção entre seu espaço social e as demais áreas da cidade, incluindo outras favelas. Para exemplificar este ponto pode-se avaliar a fala de um morador do morro da Babilônia, presente na dissertação, que costuma chamar a favela onde mora de comunidade e não de favela. O que chama atenção neste comentário é que uma moradora que estava próximo ponderou: “A dos outros é favela, a sua você chama de comunidade”. Prontamente o rapaz respondeu: “Aqui é comunidade, as outras são favelas”.

Este trecho coaduna com a ponderação de Schmitz (1995, p. 180): “comunidade é uma dessas palavras cujo significado é sentido entre as pessoas, em medida direta com a realidade efetiva e a força da própria comunidade entre elas”. Isto é,

todo o afeto que o morador tem pelo local onde mora o leva a se apropriar de um termo, que para ele denota algo bom, e assim vai ressignificar sua favela, elevando-a ao *status* de comunidade. Ao mesmo tempo ele circunscreve as demais naquilo que ele entende como favela (PEREIRA, 2017, p. 140).

De tal modo, percebe-se que “talvez os outros lugares, os lugares das outras pessoas, não importam – mas aquele lugar especial, seu próprio lugar, importa” (BAUMAN, 2003, p. 102). Portanto, é possível que a pessoa que mora em uma favela veja outras áreas da cidade fora da sua favela como outro campo, outro espaço social, que é diferente e distinto do seu próprio.

Os pontos sobre os benefícios passaram a se repetir nas falas dos entrevistados e, por fim, o único malefício destacado pelos guias locais foi o aumento dos aluguéis e do valor de venda das casas na favela. Para eles tem relação direta com o turismo, pois a favela Santa Marta ganhou visibilidade.

Contudo, a pesquisa indica que os referidos aumentos estão ligados à pacificação da favela. Este fenômeno não é um privilégio do Santa Marta. Todas as favelas pacificadas passaram a indicar aumentos, pois a ideia de que o local se tornou mais seguro valorizou, naturalmente, os imóveis naquelas localidades.

Finalmente, percebe-se que os moradores, guias ou não, ainda têm dificuldade para avaliar os possíveis problemas que a atividade turística pode causar em seu espaço social. Portanto, eles não aparentam estar preocupados, tampouco têm um plano que vise minimizar problemas no futuro. Apenas os efeitos positivos recebem atenção e são avaliados para encontrar formas de maximizá-los.

Outro agente importante que foi considerado neste estudo são os turistas, sobretudo os estrangeiros, uma vez que são pessoas que têm culturas muito diferentes do local visitado e representam a grande maioria dos visitantes da favela. Indo um pouco além do perfil do visitando, na pesquisa desenvolvida pelo autor, foram encontrados estrangeiros que moram na favela Santa Marta. Ou seja, houve a oportunidade de avaliar como estes novos moradores se relacionam com a favela e seus moradores.

Sobre o fato de ter estrangeiros morando no morro, pode-se destacar um padrão de benefícios nas respostas dos moradores pesquisados: 1) melhora na imagem da favela. Para

André (morador) se o estrangeiro está presente é “sinal de que a favela é tudo de bom”, e “eles podem replicar o que é real, o que eles vivenciam, não o que a mídia mostra”; 2) nova dinâmica na economia. Para o morador José, “eles podem ajudar a desenvolver a economia local, alugando um quarto, uma *kitnet*”¹⁰; 3) por fim, a troca de conhecimentos. Segundo Alberto

tem pessoas que acabam ajudando os moradores, dá uma aula de inglês, dá uma aula de francês, ensina a fazer um artesanato, ensina a fazer uma profissão qualquer que o morador, às vezes, não tem acesso, porque a gente sabe que algumas coisas no nosso país custam muito caro [...].

De modo geral o que se observa é que o estrangeiro é bem-vindo e sua presença é vista pelos moradores como algo positivo, melhorando a reputação da favela diante da sociedade.

Cabe sublinhar que o encontro dos turistas (estrangeiros ou não) com os moradores durante o tour é algo muito efêmero. Embora ambos os lados sejam provocados a interagir, tudo está mediado pelo guia e as regras da visita à favela, que tem tempo estimado para começar e terminar. Apenas o fator tempo de permanência já seria suficiente para acreditar que estes encontros têm pouco impacto, ou que as trocas entre os envolvidos são rápidas e com pouca profundidade.

Por outro lado, quando um estrangeiro se muda para a favela, ele deixa de ser turista e passa a ser mais um morador. Referente às mudanças que o campo (favela) poderia sofrer com a presença de moradores estrangeiros, “os autóctones acreditam que podem ocorrer mudanças no seu espaço social se houver uma troca cultural forte entre eles” (PEREIRA, 2017, p. 113), e o morador Alberto avalia: “muda, porque ele tem uma educação diferente, aí ele mostra o modo de vida dele, você mostra pra ele o seu modo de vida, e essa troca é muito interessante”. Para a moradora Rani,

Você passa a conhecer outras culturas, você conhece pessoas de outros lugares, outros estilos de vida, que você só tem através da televisão ou de filme. Então, essa galera vindo morar dentro da comunidade é bem legal. Essa troca de cultura, de experiência, é bem interessante.

Ao comentarem sobre o que motiva o estrangeiro a querer morar na favela, a maioria dos moradores acredita que o valor dos aluguéis na cidade do Rio de Janeiro determina esta escolha. Para eles, é muito mais barato morar na favela. Além disso, a segurança ou sensação de segurança passada com a chegada das UPPs parece encorajá-los. O morador André acredita que “a pacificação é importante, sem a pacificação [o estrangeiro] não moraria não”.

Quanto ao fato dos novos moradores gerarem alguma mudança no campo ou *habitus* da favela, a pesquisa indica que não há nenhuma mudança consistente, mesmo os moradores sinalizando que existe uma troca mais genuína entre eles e os estrangeiros. O fato da favela abrigar poucos estrangeiros, com certeza, contribui para este resultado nulo.

¹⁰ Este tópico, embora muito citado, gera controvérsias, pois alguns moradores acreditam que a presença dos estrangeiros acaba aumentando o valor dos aluguéis, uma vez que eles têm condições de pagar valores mais altos.

Contudo, os guias comentaram que a favela Vidigal deveria ser investigada, pois esta sim teria uma grande quantidade de estrangeiros morando nela. Até o momento não foi encontrada nenhuma pesquisa que mostre que esta ou outra favela tenha mudado por ter estrangeiros residindo nela.

Voltando aos turistas e sua rápida passagem pela favela durante o *tour*, os guias mostram certa incoerência em suas falas. Uma parte afirma que é possível conhecer a cultura do lugar e que existe a troca entre moradores e turistas. Contudo, há entre eles aqueles que discordam e comentam que não seria possível conhecer a favela toda, e que os turistas acabam conhecendo apenas 5% ou 10% de tudo que o local tem. Os guias atribuem ao pouco tempo da visita o motivo de não ser possível conhecer a favela de fato (PEREIRA, 2017).

Convém destacar que o turista, talvez por passar por um *tour* muito bem elaborado, acredita que conheceu bem a favela e não só isso. Ele acredita que só conhece a cidade do Rio de Janeiro por ter ido à favela. Em entrevista o turista estrangeiro Steve declarou:

Ir ao Cristo é parte do Rio, como parte turística, mas este lugar [a favela] é maravilhoso para nós, porque nós podemos ver a realidade, não a realidade turística que as pessoas querem nos mostrar. Então, é importante conhecer essa realidade.

Quando os turistas foram questionados sobre o que eles viram de diferente entre a favela e as outras áreas da cidade, vários elogiaram a favela, deixando as demais áreas da cidade em segundo plano, como indicam as falas a seguir:

[Na favela] todas as pessoas estão sorrindo, nos cumprimentando, e nós somos europeus. E aqui [na rua] as pessoas não fazem isso. Eu me senti mais seguro lá, do que aqui. O que eu quero dizer é que na cidade eu tenho que esconder a minha câmera, esconder meu telefone, e lá estava tudo bem, eu posso tirar fotos. Isso é muito legal. Felicidade é o que mais me lembro de lá (Eli).

Penso nos dois lados, na felicidade e como as pessoas vêm falar com você, mas também nas drogas [...]. Isso [as drogas] me fez sentir desconfortável, mas ao mesmo tempo, ninguém vai nos roubar, porque é como uma regra lá e **todos têm isso estabelecido em suas mentes**. Então eu acho que tem as coisas boas e ruins. É difícil de decidir (Alice).

Ao estabelecer uma comparação entre a favela e as demais regiões urbanas, os visitantes mencionam as normas vigentes na localidade. A proibição do roubo na favela parece trazer uma sensação de tranquilidade aos turistas. Sobre esta *doxa*, os moradores comentaram: “Ah lógico! Toda favela tem, né? Não roubar dentro da favela, não se meter no assunto deles [dos traficantes]” (Vanessa). Outra moradora reforça: “Na favela não tem roubo, tem que respeitar todo mundo” (Josefa).

Com relação ao modo como essas normas são aprendidas, um empreendedor local esclarece: “passando de geração em geração. E na convivência a gente aprende também, a gente acaba aprendendo”. Um guia local explica: “Vivência. Chegando na favela você vai aprender isso. É como você aprender a letra A do alfabeto”.

Pereira (2017, p. 116) destaca que

as falas dos moradores explicam como ocorre o processo de socialização gerado pelas forças do campo, ao mesmo tempo em que demonstram total consentimento com a *doxa* estabelecida. Este ponto evidencia a presença daquilo que Bourdieu (2009) chama de poder simbólico, pois é por meio deste que as instituições – neste caso o tráfico –, reproduzem o ponto de vista dominante, que se traduz na *doxa* indicada anteriormente. Vale destacar também que a naturalização deste ponto de vista dominante advém de uma imposição, que se configura na violência simbólica, [que] conta com a cumplicidade do dominado.

Pereira (2017, p. X) pondera que “esta questão atinge um nível paradoxal, porque a *doxa* mencionada pelos visitantes foi estabelecida por aqueles que contribuem com a fama de local inseguro”, os traficantes.

Sobre estes pontos, um visitante carioca apontou pontos positivos e negativos:

Coisa boa [da favela] é o sentimento de comunidade. No sentido americano mesmo que você vê quando viaja para fora. Que a galera se importa com as pessoas que moram perto, conhece, estão sempre se juntando para fazer ações, como ele falou [o guia]: mutirão, associação de moradores, tentar resolver um problema, fazer horta. Copacabana, Ipanema, qualquer lugar desse aí você não tem a menor noção de quem é o seu vizinho do prédio, quanto mais você vai estar junto [...]. A coisa ruim [da favela] é a questão da infraestrutura mesmo. Eu vivo de um jeito muito mais tranquilo. Eu pego um ônibus que me deixa na porta de casa, eu moro a cinco minutos do metrô, tenho um esgoto que funciona perfeitamente, água quente, não vou ter problema. Se eu tiver problemas, meu prédio resolve. Então, eles têm uma c***** de dificuldades que eu não tenho, que eu não enfrento.

A fala do visitante carioca faz alusão às diferenças entre o *ethos* (valores) compartilhados pelos moradores da favela e dos moradores dos prédios. Avaliando estas observações é possível perceber que ele valoriza os princípios/dogmas que norteiam as atitudes dos indivíduos presentes nestes dois ambientes. Para ele, o *ethos* presente no *habitus* do favelado é diferente das demais áreas da cidade.

O turista ainda avalia que possivelmente os problemas do cotidiano tornam os favelados mais próximos uns dos outros, fazendo com que eles se preocupem mais com o bem-estar dos demais, uma vez que todos estão sujeitos a passar pelos mesmos problemas. Este ponto exemplifica como o campo (favela) – enquanto estrutura estruturada estruturante – pode ter

formado um *habitus* diferenciado, especialmente, articulado à ideia de que campo e *habitus* estão em constante troca e, por isso, um pode causar transformações no outro.

Naturalmente, as características citadas anteriormente não são exclusivas da favela. Porém, a fala do entrevistado indica que aqueles que sofrem devido às condições adversas do lugar onde vivem podem desenvolver um *ethos* com as características sublinhadas anteriormente.

Ainda sobre o *ethos* da favela, em seus depoimentos diversos moradores comentam sobre o que aprenderam morando na favela, e um deles destacou: “Senso de amizade, senso de responsabilidade, companheirismo, humildade. São coisas que você só aprende realmente numa vida simples. Você tendo uma vida simples, você aprende todos esses aspectos” (Alberto).

José, morador e guia de turismo local, pondera

Você não tem o direito de se meter na vida dos outros. Eu sei com quem eu posso falar. Como eu posso falar. Com quem eu me meto, de que forma eu me meto. É uma coisa que você aprende natural. É uma coisa que você aprende por estar em constante contato com muitas pessoas. Diferente do prédio, que você chega pega o seu elevador, entra para sua casa e ninguém te viu, ninguém sabe de nada.

O guia José vai além, e mais do que o *ethos* identificado na fala, o morador comenta sobre o que Bourdieu chama de *habitus*, ao mesmo tempo em que explica como o *habitus* é constituído no campo:

Com esse contato com várias pessoas você tem que aprender a se modelar, saber como agir, o que falar para o próximo, o que você viu sem ver, de que forma isso não pode replicar negativamente para a sua pessoa. Então, tem coisas que a gente utiliza mais por estar em contato constante com pessoas. Se o pessoal do asfalto tivesse o mesmo contato, eles teriam esse ensinamento que a vida dá. É uma coisa de vivência.

Por fim, vale destacar a análise de Pereira (2017), que ponderou que depoimentos como estes esclarecem o significado do *habitus* e *ethos* dos residentes da favela, demonstrando também o processo de socialização dos indivíduos no ambiente. As afirmações ressaltam que a principal discrepância entre os habitantes da favela e os demais cidadãos da cidade é baseada na falta de infraestrutura do local e na forma como os relacionamentos interpessoais se estabelecem entre os moradores.

4 TURISMO EM FAVELA OU EXPLORAÇÃO DA POBREZA?

Existe ou não a exploração da pobreza como atração turística? Esta questão é fundamental para este estudo sobre a favela turística, porque envolve a polêmica ligada ao turismo feito com turistas dentro de um jeep e a curiosidade daqueles que não vivem como os moradores da favela.

No caso da favela Santa Marta alguns entrevistados acreditam que esta questão foi superada, porque a atividade turística foi organizada de uma maneira que não se baseia nos aspectos ligados à pobreza presente na favela.

Parágrafos anteriores já apresentaram argumentos que mostram que os guias tomam muito cuidado para criar a boa imagem da favela turística. Mesmo que não seja real, é a face da favela que os turistas conhecem.

Segundo os moradores, diferente dos guias locais, o guia da agência apenas apresenta o local e deixa que a “pobreza fale por si”. Para os moradores interessa a agência mostrar ao turista apenas pobreza.

Que a pobreza está presente e é sempre observada é um fato, mas os turistas, sobretudo os estrangeiros, sempre notam outros aspectos próprios da cultura local que os diferencia. Em entrevista uma turista ponderou: “as pessoas na suíça não vêm até você e simplesmente dizem que você é bonita. Lá eles são bem mais frios. Não falaria com estranhos ou responderiam suas perguntas”.

Para ela, as discrepâncias entre os espaços sociais (campo) e a conduta dos habitantes (habitus) em relação à sua localidade natal parecem evidentes. Outros visitantes realçaram a naturalidade dos residentes como um aspecto positivo; entretanto, é importante salientar que essas ocorrências não são frequentes, ou seja, a maior parte dos habitantes passa pelos turistas sem interagir de forma alguma. Eles simplesmente seguem seus caminhos como se nada estivesse acontecendo. Os viajantes acabam generalizando em suas falas, fazendo parecer que todos os moradores interagem com eles ou são amistosos, quando, na verdade, se trata de algo esporádico.

Sobre esta interação entre turistas e moradores, vale destacar outra questão presente no *tour* da favela. O que é espaço privado e público na favela?

A pesquisa apontou que apenas a casa do morador é um espaço privado. As demais áreas são todas públicas. Qualquer pessoa pode transitar pelas vielas sem problema algum. Nesse sentido, a regra imposta pelos guias durante o *tour* é simples: é terminantemente proibido tentar entrar na casa de algum morador sem ser convidado. Esta regra passou a ser necessária, porque alguns turistas tentam olhar dentro das casas e até entrar para tirar fotos.

Este tópico gera a oportunidade de esclarecer um pouco mais sobre as normas da atividade turística no morro Santa Marta. No começo da visita são apresentadas as regras, que são instruções direcionadas aos visitantes, indicando, em sua maioria, como eles devem agir dentro da comunidade. Desse modo, a excursão pode ocorrer de maneira mais segura. Apesar disso, alguns guias relatam que há turistas que frequentemente se aventuram e infringem as regras, ou seja, ignoram a *doxa* estabelecida nesse subcampo (turismo).

Quando perguntados sobre conflitos entre moradores e turistas, os entrevistados comentam que são casos muito raros, e que mais comum são moradores pedindo para os visitantes apagarem fotos em que eles aparecem.

A *doxa* que prevalece é que o turismo deve acontecer sem incomodar o morador de nenhuma forma. Estas regras precisam existir para “nortear o comportamento daqueles que são de fora, assim o passeio pode ocorrer sem que haja qualquer problema”, e os guias têm grande preocupação com o cumprimento delas, “afinal eles são moradores também e não querem ter problemas com seus vizinhos por causa dos turistas. Tampouco gostariam que a visita dos turistas fosse proibida na favela devido ao comportamento indesejado dos visitantes” (PEREIRA, 2017, p. 108).

Voltando à questão da exploração ou não da pobreza, convém avaliar que o turismo é uma atividade que chamou atenção para as favelas e, como fora comentado anteriormente, movimenta a economia local de diversos aspectos, incluindo o setor imobiliário.

Neste contexto, o turismo também poderia colaborar com a desigualdade dentro da favela? Isto é, ele gera um desenvolvimento econômico para poucos, ao mesmo tempo em que ao valorizar o espaço físico dificulta a vida dos moradores mais pobres? Seria o turismo um elemento que fomenta a gentrificação¹¹ nas favelas?

A pesquisa alerta que a maioria dos entrevistados (salvo turistas e moradores que não tinham nenhum conhecimento sobre gentrificação) acredita que a atividade turística pode fomentar o processo de gentrificação.

Os entrevistados comentaram que o turismo gera visibilidade para a favela e aumenta o valor dos imóveis. Eles observaram que após o turismo se intensificar na área, os preços dos aluguéis ou venda das casas aumentou significativamente. Uma moradora comentou que chegou a ouvir um vizinho justificar o aumento do preço do seu imóvel por ser uma favela muito visitada por turistas.

Para Leite (2015),

o que está em operação no Rio de Janeiro é [...] a identificação das potencialidades das favelas que são tornadas mercadorias (**construção de pousadas, ampliação dos circuitos de turismo em favelas**, oferta de bens e serviços aos quais a marca favela agregue valor, por exemplo) e que podem valorizar a terra e as moradias (LEITE, 2015, p. 9-10, grifo meu).

O turismo surge como uma atividade econômica que transforma os espaços em mercadorias comercializáveis. Sua existência é capaz de agregar valor aos lugares em que é praticado.

O tema gentrificação está presente na favela Santa Marta, em discussões informais e protestos presentes nas casas, como destaca a figura 2. Uma discussão sobre este tema ocorreu de forma organizada na favela do Vidigal, no evento intitulado “Fala Vidigal!”. Na ocasião a pesquisadora Camila Moraes, pesquisadora do tema, participou de uma mesa de debates, que gerou o artigo “Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso”.

¹¹ Este fenômeno se “caracteriza pelo enobrecimento do espaço urbano gerado por investimentos públicos e privados na renovação ou revitalização de áreas urbanas degradadas, ou seja, estão intimamente ligadas às estratégias de mercado imobiliário, normalmente aliado a uma política pública de suposta ‘revitalização’ que expulsa a população original sutilmente, atraindo residentes de renda mais alta [...] (SILVA; RUAS; ROSSI, 2012, p. 2). Para Neil Smith (1996), é a “elitização, expulsão da população mais pobre” (*apud* MARQUES, 2010, p. 58).

Na referida obra a autora identifica que parte dos moradores do Vidigal associam não só a presença de estrangeiros à gentrificação, mas também de cariocas de classe média que foram morar no morro: “não são apenas os estrangeiros que provocam a gentrificação, mas também pessoas de classe média que não conseguem mais bancar os altos preços em bairros da zona sul do Rio de Janeiro” (MORAES, 2016, p. 73).



Figura 2: Casa – favela Santa Marta

Fonte: arquivo pessoal.

Um dos guias comentou que existia a ideia de construir um hotel de luxo e/ou restaurante no topo da favela e que, por isso, uma parte ficou sem receber atenção do governo, logo esta área ficaria desvalorizada, facilitando a compra por empreendedores externos.

A história se encaixa perfeitamente no que se entende como gentrificação, pois “a renovação urbana, os projetos de revitalização dos centros e a gentrificação serão as formas através das quais espaços urbanos, previamente capitalistas serão reinseridos numa nova dinâmica de acumulação” (SANTOS, 2008, p. 39).

Nesta perspectiva, é importante observar que o turismo também é um elemento dinamizador do processo de urbanização, visto que ele “interfere no processo de urbanização contemporânea na medida em que reforça as transformações funcionais, técnicas, estruturais, formais e estéticas da cidade contemporânea, ligadas às práticas sociais da atividade turística (PAIVA, 2013, p. 135). O turismo – especificamente o processo de turistificação – se insere nesse contexto como mais um elemento que pode transformar as favelas em um local de produção, de comércio, por fim,

favelas que, na lógica capitalista, precisam ser “reconfiguradas como ‘territórios seguros’ e que oferecem ‘oportunidades de negócios’” (LEITE, 2015, p. 1).

Esta segurança mencionada por Leite (2015) chega às favelas com as UPPs. Os moradores acreditam que este processo (gentrificação) cresce paulatinamente na favela devido à pacificação. Eles afirmam ter observado mudanças bruscas nos valores de casas e aluguéis nas favelas após a entrada das UPPs em 2008. Além disso, várias obras ligadas a pavimentação e melhoria de pontos estratégicos no morro foram feitas pelo governo logo após a pacificação. Todos estes pontos corroboram com as teorias expostas nos parágrafos anteriores. Assim, é possível que o turismo colabore com o processo de gentrificação das favelas turísticas.

Finalmente, conclui-se que o turismo deve ser uma atividade que promova o desenvolvimento sustentável das comunidades locais, e não a exploração da pobreza. Sobretudo, deve-se considerar que esta atividade esteja sob o controle da comunidade autóctone.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas análises e processo de pesquisa possibilitaram não só alcançar o objetivo geral – avaliar se o fenômeno turístico gera alguma mudança no campo (a favela) e no *habitus* (moradores) da favela Santa Marta –, mas também permitiu responder ao problema proposto neste projeto: o processo de turistificação pode afetar o campo e o *habitus* de uma favela?

Observa-se que o turismo alterou o *habitus* e o campo, mas apenas na forma como estes elementos são apresentados aos visitantes. Não há, até este momento, nenhuma evidência consistente de que houve uma alteração realmente no que se entende como campo e *habitus* da favela Santa Marta. Esta avaliação não exclui o fato de que no futuro esta ou qualquer outra favela possa apresentar alguma mudança mais significativa.

O que está mais evidente, até o momento em que se encerra esta pesquisa, é que no Santa Marta existe a favela turística, que é o produto vendido pelas agências/guias locais. Uma favela que tem suas potencialidades maximizadas e suas mazelas evitadas durante as visitas.

Esta favela “inventada”, não existe apenas como fruto do discurso dos guias, mas sim porque “o turista não tem contato com todos os eventos (bons e ruins) que acontecem no morro” (PEREIRA, 2017, p. 146), uma vez que ele tem apenas duas ou três horas de *tour*. Este fator torna impossível ao visitante experienciar todos os dramas vividos pelos moradores.

Sobre pesquisar uma favela, destaca-se que chegar às pessoas certas é, provavelmente, um dos maiores desafios que um pesquisador enfrenta em sua jornada de pesquisa.

O processo de análise crítica dos dados coletados no campo é outro desafio da investigação, pois cada um dos entrevistados, em especial, os guias, tentam convencer o pesquisador daquilo que eles vivenciam durante o *tour*. No caso, dos guias, tentam mostrar a favela turística que os turistas veem.

Por fim, recomenda-se que o fenômeno turístico presente nas favelas seja pesquisado por meio de variadas abordagens teórico-metodológicas, de modo que novas informações e conclusões possam emergir nesse campo. Acredita-se que esse tema ainda apresenta diversos questionamentos que demandam esclarecimento, portanto é desejável que outros investigadores – tanto da área de turismo, como de outros campos do saber – realizem novas pesquisas acerca das favelas.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Margarita. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas: Papirus, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual**. Edição brasileira, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- _____. **O Campo Econômico**. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.119, set.1997, p. 48-66.
- _____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Os Usos Sociais da Ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 316p.
- _____. Contradições da herança. In: NOGUEIRA, A. M.; CATANI, A. (Ed.). **Escritos da educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.231-247.
- CEJAS, Mónica Inés. **Tourism in Shantytowns and Slums: A New "Contact Zone" in The era of Globalization**. *Intercultural Communication Studies XV*, 2006.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na Laje: produção e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- _____; MENEZES, Paloma. Fotografando a pobreza turística. **Revista Antropológicas**, ano 13, v. 20, p.173-198,2009.
- _____. Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores. **Sociedade e estado**. v. 25 n.1 Brasília Jan./Apr. 2010.
- _____. A Favela como Atração. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes do Reis. **Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado: Planejamento, Criação e Comercialização**. Barueri, SP: Manole, 2015.
- KNAFOU, Remy. Turismo e Território: Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.62-74.
- LEITE, Márcia Pereira. **Novos Regimes Territoriais em Favelas Cariocas**. Anais: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis (SC), 2015.
- LESCURA, Carolina. **Entre o campo e o habitus: os significados atribuídos ao conatus por herdeiros de uma empresa familiar**. 2013. 280 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras.
- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.
- MORAES, Camila. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.23.2, 2016, p.65-93.
- PEREIRA, Rafael Melo. **O Turismo na Favela Santa Marta: Reflexões a Luz da Teoria de Pierre Bourdieu**. Dissertação de mestrado. Programa de Mestrado em Turismo, UFF, 2017.
- PEREIRA, Rafael Melo; LESCURA, Carolina; CHEIBUB, Bernardo Lazary. **Articulações entre as noções de campo e habitus de Bourdieu e a Turistificação das Favelas**. Anais do Seminário da ANPTUR XIII – 2016.

RODRIGUES, Monica. **Tudo junto e misturado**: O Almanaque da Favela: Turismo na Favela Santa Marta. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

SANTOS, César R. S. Da Urbanização do Território ao Urbanismo da Requalificação dos Espaços Centrais: A Reprodução do Espaço Urbano como Fronteira Interna da Expansão Capitalista. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 24, 2008, p. 28-49.

Secretaria Municipal de Habitação. **Favela Bairro**: Integração de Favelas no Rio de Janeiro. [199-?]. 3 ed. Rio de Janeiro.

SCHMITZ, Kenneth L. Comunidade: A Unidade Ilusória. In: MIRANDA, Orlando de. **Para Ler Ferdinand Tönnies**: Textos de Comunidade e Sociedade. São Paulo: Ed USP, 1995.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa Simão. **O Uso da Análise de Conteúdo como uma Ferramenta para a Pesquisa Qualitativa**: Descrição e Aplicação do Método. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 1, 2005, p. 70-81.

FACHA

www.facha.edu.br

Campus Botafogo • Rua Muniz Barreto 51 - Botafogo - Tel.: 2102-3100